

Samba: do corpo dominado pela chibata à alegria da alma

Rose Mary Marques Papolo Colombero

O projeto foi realizado com as turmas dos 9^{os} anos A e B, no 3^o e 4^o bimestres de 2014, na Emef Ministro Synésio Rocha, que atende crianças na faixa etária de 6 a 14 anos, no Ensino Fundamental I e II, e dispõe do programa Educação de Jovens e Adultos (EJA). A escola está situada na Zona Sul, no bairro do Campo Limpo. No geral, nossos alunos são oriundos de moradias precárias.

Com a implantação do Ciclo Autoral nos últimos anos do Fundamental II, a professora da sala de leitura criou uma parceria com o “Sarau do Binho”, que se apresentava mensalmente na Biblioteca “Marcos Rey”, próxima à escola. Os alunos dos 9^{os} anos passaram a participar dos saraus e o TCA da unidade escolar recebeu o nome de “Manifestações Culturais”. Acompanhando a professora e os alunos, identifiquei que o sarau trazia como tema a valorização da cultura da periferia e a afirmação da cultura negra.

O presente projeto teve como justificativa articular as aulas de Educação Física ao Trabalho Colaborativo Autoral (TCA) de forma interdisciplinar com as outras áreas, visando ao protagonismo, à autonomia e à autoria do aluno diante da construção do conhecimento. Considerando o Projeto Político Pedagógico (PPP), o Plano Especial de Ação (PEA) e o TCA, foi escolhida como temática a dança samba. A pesquisa pretendeu um estudo etnográfico da manifestação, trazendo para o currículo o que é emergente dentro das relações de poder de raça, etnia e religião, intervindo na apropriação, negação e interpretação dos textos; reconhecendo o movimento de resistência e afirmação da cultura negra através da música, dança e religião, permitindo, assim, a promoção de uma educação antirracista, a reflexão sobre a intolerância e a importância das religiões afro-brasileiras em nossa cultura, a diminuição das fronteiras entre o co-

nhecimento acadêmico e o conhecimento da cultura de massa, e possibilitando que os alunos realizassem uma leitura de mundo, entendendo o contexto em que estão inseridos.

O objetivo foi relacionar o projeto à Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, valorizando a formação da sociedade brasileira; compreendendo a cultura como campo de intervenção política, confronto e lutas por significado, entrelaçada por relações sociais; interpretando a realidade que nos cerca; considerando os discursos em disputa que se apresentam como verdade e formando identidades.

Como expectativas de aprendizagem, pretendia-se que os alunos conhecessem a história do samba, considerando seu contexto de surgimento e transformações, relacionando-o ao modo pelo qual o conhecem ou praticam, analisando, interpretando e vivenciando as múltiplas linguagens do corpo e dos movimentos expressivos no samba, atuando de modo a superar os estereótipos e preconceitos que acompanham as produções culturais dos grupos minoritários, e identificando as práticas discursivas presentes no samba que reforçam pejorativamente a identidade de raça, etnia e religião. Nas diversas vivências dentro e fora das aulas, relacionar e analisar o papel do samba nos diversos momentos sócio-históricos, compreendendo essa manifestação como fenômeno cultural em permanente transformação, construindo e participando de rodas de samba.

Assim, a dança samba foi apresentada como temática aos 9^{os} anos A e B. A princípio, houve certa resistência, com a fala “A gente não dança samba... a gente não gosta de samba”. Argumentei que a questão não era gostar ou não gostar, e sim ampliar conhecimento a partir do samba, conhecendo seu processo de transformação e reconhecimento da história do negro no Brasil.

Iniciamos um mapeamento do que os alunos conheciam da temática, sendo levantado o nome de alguns sambistas e conjuntos da atualidade, como Zeca Pagodinho e Sorriso Maroto, alguns tipos de samba, como o samba *rock*, que alguns familiares praticavam. Um aluno contou que um bar próximo à escola realizava rodas de samba às sextas feiras à noite. Uma aluna do 9^o ano A manifestou-se dizendo que sua família era da Bahia e morava numa fazenda, e lá praticavam um samba chamado samba de roda; ela trouxe na aula seguinte um CD com vídeo

da dança e depoimentos da importância dessa manifestação na região, que se tornou objeto de investigação.

Para aprofundamento e ampliação dos conhecimentos sobre o tema, foram consideradas as seguintes frentes de investigação: 1) história do samba, nome e o primeiro samba gravado; 2) quem são os representantes, suas identidades (figura do malandro) e vestimenta; 3) música, dança e religião (instrumentos/tambor, a capoeira e religiões de matrizes afro-brasileiras); 4) samba/suas variações (subgêneros e fusões) e passos do samba; 5) samba de roda (estudo etnográfico). Ainda, entrevistas, visita ao Museu Afro e a espaços onde a manifestação cultural acontece.

Como produto final, toda a pesquisa seria apresentada no encerramento do TCA, no sarau em homenagem ao Binho, que se chamou “Sarau Binésio”. As salas foram divididas em cinco grupos. Cada grupo recebeu uma orientação de estudos com uma das frentes de investigação que citamos anteriormente; sugestões de *sites* para pesquisa; data de entrega do trabalho por escrito com a produção do grupo; orientação sobre a forma de apresentação para a sala, que poderia ser seminário, PowerPoint ou mesmo a presença de algum representante do samba (familiar, conhecido) para contar sua história com a manifestação; e os horários para pesquisa do TCA na sala de informática, que necessitava de autorização por ocorrer fora do horário de aula.

O grupo da aluna que trouxe o CD escolheu como tema o samba de roda, dizendo que, no dia da apresentação, a mãe dela viria para contar sua experiência com o samba. Neste momento, discutimos que o conhecimento está no mundo, não só na escola e na internet, e que dar voz ao aluno e à comunidade faz parte do ensino-aprendizagem.

Os que optaram por seminário foram orientados sobre a necessidade de se apropriar do tema, de ter boa postura de corpo e de voz, da possibilidade de ter um lembrete para não perder a fala, e também foram orientados a evitar a leitura.



Por não ter experiência com a temática, fui realizando um estudo etnográfico do samba. Além das pesquisas pela internet, adquiri três obras literárias: *No fio da navalha*, *A construção do samba* e *Contando a história do samba*, que serviram de base para orientar as pesquisas junto aos alunos.

No dia 1º de setembro de 2014, visitei a Comunidade Samba da Vela. Nela realizei uma entrevista gravada, em forma de relato oral, com Chapinha, que nos contou a história do samba, sua história e a história do Samba da Vela, assim como registrei em vídeo algumas composições. Ele conta que, em um dos encontros, a luz acabou, então, acederam uma vela e ficou combinado que quando a vela apagasse o encontro estaria terminado. E assim passou a acontecer em todos os encontros, num emocionante ritual. No dia de vela rosa, pessoas comuns apresentam seus sambas e quem os acompanha com os instrumentos vai tentando aproximar a melodia e a harmonia ao que está sendo cantado. No dia em que visitei era dia de vela rosa, e entre os compositores se apresentaram um motorista de ônibus, um porteiro, um pesquisador... Na sequência, vem a vela azul, em que o compositor escolhe um dos sambas que cantou na vela rosa e o reafirma. Na vela branca são escolhidos os 14 melhores sambas para compor um caderno.

Através da Agenda Cultural da Periferia, na página do samba encontrei um evento que em muito veio a contribuir com o projeto. O Sesc Vila Mariana recebeu, nos dias 20 e 27 de setembro, o Samba de Roda do Mestre Ananias (representante da capoeira de Angola em São Paulo) e Mes-

tres Sambadores do Recôncavo Baiano e, nos dias 24 e 25 de setembro, Prosa de Sambador, com João do Boi, Massu e Dora de São Brás/BA e Domingos Preto e Dominginhos de Iguape/BA, que cantaram, tocaram, dançaram e compartilharam suas experiências com a chula, modalidade do samba de roda ainda cantada e dançada por poucos sambadores do Recôncavo Baiano. Participei dos encontros durante a semana e no sábado, dia 27, fui acompanhada de uma aluna do 9º B, que teve oportunidade de participar das discussões e entrevistar pesquisadores, contribuindo na escola como multiplicadora.

No dia 19 de novembro, participei do encontro para reflexão sobre o dia 20 de novembro na Biblioteca Zumaluma, na periferia da cidade de Embu das Artes. O evento foi aberto com o sarau Samba Original, apresentações de capoeira e da dança jongo, acompanhados por discussões e reflexões acerca da história do negro no Brasil.

Enquanto isso, nas aulas de História os estudantes estudavam o contexto histórico de surgimento do samba, discutindo passagens como a Guerra de Canudos, o processo de reurbanização do centro do Rio de Janeiro no início do século XX, a era Getúlio...

Essas vivências deram suporte à mediação na construção do conhecimento com os alunos. Os grupos de ambas as turmas questionavam que não tinham a prática de falar na frente da sala, ou de ocuparem o lugar do professor, e eu percebia que havia uma insegurança e um sentimento de medo. Mesmo que os agendamentos tivessem sido feitos aproximadamente um mês antes das apresentações, as primeiras datas não foram respeitadas e foi preciso um novo agendamento.

Vale ressaltar que não haviam sido meus alunos anteriormente e não estavam acostumados com essa prática pedagógica nas aulas de Educação Física ancorada nos estudos culturais.

As apresentações foram sendo realizadas na sala de aula, sala de leitura e sala de informática. Pela inexperiência dos alunos na construção de texto coletivo com a produção do grupo, parte dos trabalhos escritos eram recortes da internet e precisaram ser reescritos.



Conforme solicitado na orientação de estudos, os trabalhos foram entregues com capa. Em alguns, foram utilizadas figuras como Tarsila do Amaral e Heitor dos Prazeres, o que possibilitou uma leitura da imagem.

Depois das primeiras apresentações, foi sendo construído um comprometimento com o projeto. Nas produções ficou bastante marcada, e aqui colocada de forma sucinta, a origem do samba na Bahia pela mistura de ritmos africanos, identificando a influência do lundu, umbigada e a sensualidade do corpo. Com a chegada dos negros vindos da Bahia, no início do século XX, à região central do Rio de Janeiro, o samba foi se desenvolvendo, em especial na casa da Tia Ciata. Compositora, quituteira que se vestia a caráter, após os cultos de candomblé iniciava em sua sala as rodas de samba, enquanto no quintal/terreiro aconteciam os batuques e rodas de capoeira, o que passou a atrair políticos, intelectuais e músicos como Pixinguinha. Tia Ciata, sendo mãe de santo, possibilitou a discussão da influência das religiões africanas (iorubás, bantos...) na formação da sociedade brasileira e no samba. Discutimos a ligação com elementos da natureza e o modo como a figura de Exu (orixá) passou a ser demonizada pela influência da cultura ocidental europeia da época, assim como outras religiões de matrizes africanas, que foram sendo silenciadas. Alguns alunos me procuraram depois da aula, dizendo serem representantes dessas religiões, mas que não as assumiam no ambiente

escolar por terem receio de não serem aceitos. Em sala, ressaltamos que essas religiões, como cultura, precisam ser reconhecidas e respeitadas.

Naquele tempo, o samba era malvisto e quem o praticasse era perseguido pela polícia. Refletimos como a herança da escravidão marcou escravos e descendentes, sem trabalho e apoio, com títulos de “vagabundos”, “desordeiros”, “ladrões”... Com a ideologia de a classe dominante (branca) ser superior à classe dominada (negros) instituiu-se a discriminação, o racismo e o processo de exclusão social. A figura do malandro (marginal, esperto), remetida ao sambista, nos instigou a investigar como essa representação foi construída e colada na identidade do brasileiro.

Na casa da Tia Ciata foi composto o primeiro samba gravado, *Pelo telefone*, e conhecemos nomes como o de Donga, que causou controvérsias na sua autoria. Na década de 1930, a polêmica disputa entre Noel Rosa e Wilson Batista nos fez conhecer importantes obras. Com a era do rádio, o samba passou a ser divulgado e, no governo Getúlio Vargas, tornou-se símbolo nacional.

Outros instrumentos musicais foram sendo incorporados ao samba, surgindo o samba de partido-alto, o samba-choro, samba-canção, samba de breque, samba-enredo, e com a influência de outros ritmos foram surgindo variações, como o samba de gafeira, samba *rock*...



A partir das apresentações, íamos praticando o samba na sala de informática com o suporte da internet e registrando com fotos e vídeos. Para o estudo do samba de roda, as salas, divididas em grupos, elaboraram um convite à mãe da aluna do 9º A. A professora de Português selecionou o melhor texto e a direção da escola oficializou o convite. No dia 3 de novembro, reunimos as turmas e recebemos a mãe (mesmo doente, em tratamento de câncer), que contou sua infância na Bahia. Foi interessante perceber a influência da igreja nos costumes quando relatou as saídas nas procissões de reisados, sua experiência com o samba de roda e a vivência familiar. Ela ensinou os passos da dança, dançou com os alunos e garantiu presença no dia do encerramento do projeto.



No dia 5 de novembro agendamos uma visita ao Museu Afro Brasil, com o intuito de aproximar os alunos da cultura africana (povos, reis, sociedades matriarcais, religiões, costumes...) e da história do negro no Brasil. Antes da entrada, fizemos um piquenique no Parque do Ibirapuera, considerando as relações interpessoais. Na avaliação da visita, eles ficaram impressionados com a sala do navio negreiro, as religiosidades e a riqueza cultural do museu.



No período de 3 a 16 novembro, realizamos o projeto Leituraço, e como os alunos estavam lendo contos africanos nas outras áreas, lemos o caderno de textos *Contando a história do samba*. Aproveitando o texto, ressaltamos a condição do negro hoje no Brasil, quanto a escolaridade, trabalho, violência e acesso à cultura. Nesse período, apresentei aos alunos as questões 10 e 123 do Enem 2014, que, de alguma forma, dialogavam com nossa pesquisa.

Para a mostra final no dia do Sarau do Binésio, resolvemos apresentar o cantinho do samba. Os alunos montaram uma linha do tempo de sambistas que marcaram época. Seleccionamos aproximadamente quarenta nomes, imprimi as imagens e os alunos colaram frente e verso em papel-cartão, e, num faz de conta de sambistas, colocaram as imagens na frente do rosto e registramos em fotos. Posteriormente, os cartões foram pendurados em móveis. Seleccionamos cem fotos de todo o processo e montamos dois murais, assim como uma mesa com os instrumentos do samba. No dia do Sarau Binésio, tivemos um espaço na programação para contar o projeto, a mãe da nossa aluna fez uma apresentação (sem ensaio), dançando o samba de roda com som e vídeo do CD que veio da Bahia no telão, e, no encerramento, foi realizada uma grande roda com o pessoal do sarau, alunos, professores, pais e funcionários para a dança do coco.



Avaliando o projeto, há de se considerar que ele teve um início árduo, pelo perfil das salas, pois não tinham um compromisso com a aprendizagem. Dada a relevância que a temática ia tomando, foram construindo um comprometimento, sentindo-se parte do processo. Para alguns, grandes foram as conquistas: uma aluna, isolada por conta do seu limite, conseguiu realizar sua fala.

O projeto gerou incômodo quando desvelou, ainda hoje, a condição do negro, mas proporcionou visibilidade, entendimento, valorização e reconhecimento da cultura negra, em especial quanto à religiosidade afro-brasileira.